

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**



Trabalho de Conclusão de Curso

O JEJY (AÇAÍ JUÇARA) NA CIÊNCIA *MBYÁ-GUARANI*

Luís Otávio Costa Noya Penna

Pelotas – RS

2024

Luís Otávio Costa Noya Penna

O JEJY (AÇAÍ JUÇARA) NA CIÊNCIA *MBYÁ-GUARANI*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Bacharelado em
Antropologia da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa

Pelotas – RS

2024

Luís Otávio Costa Noya Penna

O JEJY (AÇAÍ JUÇARA) NA CIÊNCIA MBYÁ-GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso _____, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29 /10 / 2024

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa (Orientador)
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Diego Fernandes Dias Severo (Examinador)
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Profa. Dra. Rosane Aparecida Rubert (Examinadora)
Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho de conclusão de curso ao grande guerreiro *Pataxó* Cacique *Merong Kamakã Mongoyó*, que fez sua passagem em março de 2024. Pois, inicialmente, na minha convivência com ele, Cacique *Merong* abriu os caminhos para as minhas idas aos *Tekoahs Mbyá-Guarani* em 2018.

Agradecimentos

Agradeço a todos e todas docentes do Bacharelado em Antropologia e à UFPEL. Agradeço a todos amigos, a minha família e a todos os *Tekoahs*, especialmente ao *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros), à Cacica Julia Gimenes, ao seu Genro Júlio. Agradeço também ao Ancião Seu José Verá. Agradeço ao amigo (*xeirun*) morador da aldeia *Ka'a'guy Porã* Lucas Fernandes, e todas as parcerias e irmandades da caminhada, na qual estamos juntos pela proteção da natureza e na luta, que é grande, dos povos originários!

“O açaí juçara (*Jejy*) é um *Bara'ete* (força) da floresta (*Ka'aguy*)”

Cacica Julia Gimenes

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto principal a palmeira nativa açai juçara ou *Jejy* em *Mbyá-Guarani*, sendo uma espécie chave para a Mata Atlântica Subtropical, além de significativa para a cultura *Mbyá-Guarani*. A partir disso, a centralidade desta pesquisa científica antropológica, aborda a universalidade cultural e ambiental do *Jejy* através da perspectiva *Mbyá*. Através dos métodos da etnografia e da pesquisa ação, amparados pela área de saber da etnologia indígena e bibliografias escritas por autores indígenas, a pesquisa se desenvolveu tendo como campo o *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros) no vale de Maquine-RS. O objetivo geral aparece o estudo etnológico junto com as metodologias de pesquisa em campo no sentido de contemplar esse Trabalho de Conclusão de Curso. Tratando-se dos objetivos específicos, o reconhecimento da sustentabilidade, envolvida no feitio da extração da polpa do açai juçara (*Jejy*), o fortalecimento da causa ambiental e indígena, como a descolonização do pensamento através da pesquisa prática e teórica. Em suma, a ciência antropológica sintetiza através de suas metodologias os conhecimentos partilhados nesse TCC, através de interfaces e entrecruzamentos de saberes acadêmicos e saberes originários. Os resultados da investigação contemplam a área de saber da etnologia indígena, como também: a preservação, conservação e a restauração ambiental, aliados aos saberes da ciência ancestral *Mbyá-Guarani*. The results of the research cover the area of knowledge of indigenous ethnology, as well as environmental preservation, conservation and restoration, combined with the knowledge of *Mbyá-Guarani* ancestral science.

Palavras-chaves: Açai-juçara; etnologia indígena: etnografia; *Tekoah Mbyá-Guarani*; ancestralidade.

ABSTRACT

The main focus of this research is the native açai palm, juçara or jejy, in Mbyá-Guarani, which is a key species for the subtropical Atlantic Forest and important for the Mbyá-Guarani culture. From this point of view, the centrality of this anthropological scientific research addresses the cultural and environmental universality of the Jejy through the Mbyá perspective. Using the methods of ethnography and action research, supported by the field of indigenous ethnology and bibliographies written by indigenous authors, the research was carried out in the Tekoah Guyra Nhendu (Som dos Pássaros Village) in the Maquine-RS valley. The general objective appears to be the ethnological study together with the field research methodologies in order to contemplate this Course Conclusion Work. The specific objectives are the recognition of the sustainability involved in the extraction of juçara açai pulp (Jejy), the strengthening of the environmental and indigenous cause, and the decolonization of thought through practical and theoretical research. In short, anthropological science synthesizes through its methodologies the knowledge shared in this TCC, through interfaces and intersections of academic knowledge and original knowledge.

Key Words: Açai-juçara; indigenous ethnology; ethnography; *Tekoah Mbyá-Guarani*; ancestry.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1, 2 e 3 – Palmeira Açaí Juçara (<i>Jejy</i>). Arquivo pessoal_	22, 23
Figura 1 e 2 – Imagem de satélite (Google Earth) da localização do <i>Tekoah Guyra Nhendu</i> (Som dos Pássaros)_____	31
Figura 3 – Imagem de satélite (Google Earth) da localização do <i>Tekoah Guyra Nhendu</i> (Som dos Pássaros)_____	32
Figura 04- Imagem da Grafia que vai na Polpa do açaí juçara (<i>Jejy</i>), autor: Júlio, <i>Tekoah Guyra Nhendu</i> _____	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	11
Trajetória de vida e inspirações _____	13
Uma segunda surpresa _____	15
CAPÍTULO 1 – A ETNOLOGIA <i>MBYÁ-GUARANI</i> _____	19
Antropologia da alimentação _____	24
A planta juçara _____	26
O bioma Mata Atlântica Subtropical _____	28
CAPÍTULO 2 – OS <i>MBYÁ DO TEKOAH GUYRA NHENDU</i> _____	30
O cultivo da juçara (<i>jejy</i>) _____	32
Os produtos da juçara _____	34
O espírito “dono” da juçara _____	36
CAPÍTULO 3 – PROJETO DO DDPA SOBRE A JUÇARA _____	38
A origem do projeto _____	38
Patente e comercialização da juçara _____	39
Os caminhos institucionais _____	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IMPORTÂNCIA DOS <i>MBYÁ-GUARANI</i> PARA O CULTIVO E PROJETOS DA <i>JEJY</i> (JUÇARA) _____	42
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	45

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que apresento, intitulado “O *Jejy* (açaí juçara) na Ciência *Mbyá-Guarani*”, vinculado ao Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, é o resultado de uma trajetória acadêmica marcada por encontros com os povos indígenas no sul do Brasil – em especial, os *Mbyá-Guarani* – além de algumas surpresas ligadas à minha trajetória pessoal. Enfim, trata-se de uma jornada que iniciou alguns anos antes de 2024.

Primeiramente, eu sempre tive um profundo respeito pelos povos indígenas. A partir de 2019, quando dei início a realização do Bacharelado em Antropologia, passei a prestar uma atenção redobrada aos saberes transmitidos por sábios, jovens e intelectuais indígenas veiculados na forma de textos e vídeos pelos professores e pelas professoras das disciplinas Etnologia Ameríndia I, Mitologia e Ritual e Antropologia e Meio Ambiente, além do grupo de estudos Intelectuais e Epistemologias Ameríndias, atividade vinculada ao Núcleo de Etnologia Ameríndia – NETA.

Esses conhecimentos se complementavam com a realização de etnografias e pesquisa-ação que realizei sozinho, com colegas de curso e com amigos/as visando a realização de trabalhos acadêmicos nos seguintes *Tekoah* (aldeia), todos situados no Rio Grande do Sul:

- município de Rio Grande: *Tekoah Yrembé* (Aldeia Beira do Mar), situado na praia do Cassino; e, *Tekoah Para Roke* (Aldeia Portal do Oceano);
- município de Camaquã: *Tekoah Yvy’ã Poty* (Aldeia Flor da Serra);
- município de Maquiné: *Tekoah Ka’aguy Porã* (Aldeia Mata Sagrada), *Tekoah Yvyty Porã* (Serra Sagrada) e *Tekoah Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros).

A partir disso, sempre tive como objetivo fortalecer a luta indígena e ambiental tanto através de trabalhos acadêmicos como na participação de

mutirões nas aldeias. Dessa forma, o projeto que realizei para fins da disciplina TCC 1 teve a proposta de pesquisar o *Carijo* na *Tekoah Yvyty Porã* (Aldeia Serra Sagrada). O *Carijo* trata-se do feitio da erva-mate tradicional indígena.

Esse *Tekoah* se localiza entre os municípios de Riozinho e Maquine no litoral norte do Rio Grande do Sul e no início do Planalto Sul (RS). Aonde o bioma se caracteriza pela floresta ombrófila mista, que ocorre na aldeia Serra Sagrada, situada a 900 metros de altura do nível do mar, com presença de matas de altitude do planalto sul, aonde há bastante Xaxins, araucárias e erva-mate. Segundo Valério de Patta Pillar: “A vegetação no sul do Brasil é um mosaico de campos, vegetação arbustiva e diferentes tipos florestais” (2009, p. 27).

O entendimento etnológico sobre a origem da erva-mate e a cultura do chimarrão, considerando a materialidade e a imaterialidade presente na erva-mate, elas estão manifestadas na terra, através de sua origem e presença milenar indígena no território chamado pelo colonizador de Rio Grande do Sul. Sendo assim, segundo levantamento inicial realizado para fins do TCC 1, através dos saberes compartilhados pelo interlocutor Seu José Verá, que o *carijo* ou feitio da erva-mate *Mbyá-guarani* é uma prática ancestral indígena transmitida de geração a geração.

No TCC 2, por razões que explicarei à frente, eu busquei dar continuidade a essa inspiração, procurando fortalecer a causa indígena através de trabalhos acadêmicos e ações nas aldeias, como a minha participação em mutirões. Com a intenção de pesquisar feitos tradicionais, como o manejo da *Jejy* (açaí juçara) no *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros). Esse feitio agora se faz adaptado a tecnologias propiciadas pela sociedade envolvente, no sentido de auxiliar a produção da polpa do suco do açaí juçara, trabalho esse que necessita de refrigeradores e energia elétrica para seu armazenamento.

No manejo da juçara (*Jejy*), objeto de pesquisa desse TCC, essa espécie de palmeira partilha da mesma essência do feitio da erva-mate (*Ka'á*), ou seja: da ciência indígena do feitio de alimentos. Isso se dá através da extração sustentável embasada nos saberes transmitidos de geração a geração. Sendo assim, esses saberes de feitos tradicionais enfatizam que a essência para a reprodução desses saberes ancestrais é o ambiente natural preservado e a oralidade.

Esse TCC apresenta o seguinte objetivo geral: desenvolver um estudo na perspectiva da etnologia indígena, da antropologia ecológica, da pesquisa-ação, considerando o método etnográfico, sobre o manejo da Juçara (*Jejy*) e considerando as práticas milenares do povo *Mbyá-Guarani* na aldeia *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros).

Os objetivos específicos são os seguintes:

- 1) Reconhecimento do exemplo da sustentabilidade, envolvida no feitiço da Juçara (*Jejy*), na *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros).
- 2) Reconhecimento das culturas indígenas, como a *Mbyá-Guarani*.
- 3) Descolonização do pensamento.
- 4) Busca da preservação ambiental, da preservação da biodiversidade.
- 5) Valorização dos feitiços do açaí Juçara (*Jejy*) nas aldeias.
- 6) Fortalecimento da causa indígena e ambiental através desse respectivo trabalho científico.

A respectiva área de saber etnológica e a metodologia baseada na etnografia que embasou a construção do TCC 1, agora ampara o TCC 2, que passou do manejo do *Carijó* para a juçara, seu processo de feitiço, suas narrativas e sua importância ambiental, está inclusa na noção de *Nhandereko*, que pode ser traduzido como, o modo de ser *Mbyá-guarani*.

Em parte, essa transferência se deu também por aspectos imprevisíveis ligados a minha trajetória pessoal, como a enchente de maio de 2024 no Rio Grande do sul, a realização do projeto de extensão com a comunidade *Tekoah Guyra Nhendu* e o início de meu estágio no Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária, ligado a Secretária da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do Governo do Estado do RS – DDPA-RS.

No próximo tópico abordarei um pouco mais de minha trajetória de vida.

Trajetória de vida e inspirações

Nasci em Rio Grande, cidade situada no sul do rio Grande do Sul, em 1999. Agora tenho 25 anos de idade. Em 2019 mudei-me para Pelotas justamente para cursar o Bacharelado em Antropologia na UFPel. Em 2021,

durante a pandemia de COVID-19, com a possibilidade de aulas remotas, fixei residência no Vale de Maquine, no litoral norte do RS.

O Vale de Maquine me possibilitou uma maior aproximação com a Mata Atlântica Subtropical, com a agroecologia, onde pude aprender bastante sobre manejo florestal, e com os *Tekoah Mbyá-guarani* presentes nesse território.

Nessa interface, esses elementos se entrecruzaram em minha trajetória, fomentando e inspirando através de, por exemplo, vivências culturais dos povos *Mbyá-Guarani* e *Huni Kuin* (que vivem no Acre). Os *Huni Kuin* vieram em comitiva ao RS para participar de feiras como a da biodiversidade, que acontece uma vez por estação no Vale de Maquine. Dessa forma, mutirões coletivos de bioconstrução e manejo de agroflorestas são realizados nos *Tekoah Ka'aguy Porã* (Aldeia Mata Sagrada), *Tekoah Yvyty Porã* (Serra Sagrada) e *Tekoah Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros).

A partir das falas originárias de seu José Verá do *Tekoah Yvyty Porã* e da anciã Cacica Julia Gimenes do *Tekoah Guyra Nhendu*, além dos jovens presentes nas comunidades como um todo, pude constatar a ênfase em seus discursos da preservação e restauração ambiental para a reprodução cultural. Nas palavras de Ailton Krenak: “os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos” (2020, p. 29).

Esses aspectos fortaleceram em mim a inspiração para realizar trabalhos acadêmicos sobre os processos de feitos como a da Juçara (*Jejy*), considerando que existem vários outros manejos nas vivências indígenas e da floresta, por exemplo, como o da erva-mate (*Ka'á*). Em resumo, cada um tem sua relevância e importância, considerando uma conexão ambiental, onde todos seres das matas, humanos, não humanos e sobre humanos estão entrelaçados.

Como mencionado, a enchente que assolou o RS em maio último afetou meu planejamento de TCC 2 sobre o *Carijo* no *Tekoah Yvyty Porã* (Aldeia Serra Sagrada), haja visto que a cidade de Maquine, atual município onde resido, situado no litoral norte do RS, foi atingido pela grande chuva.

Um dos aspectos a ser mencionado é que a rodovia estadual RS-239, um dos acessos à aldeia por Maquine, sofreu deslizamentos de terras devido às

fortes chuvas de maio de 2024, sendo justamente a estrada que eu utilizava para me deslocar de minha casa ao *Tekoah Yvyty Porã* (Aldeia Serra Sagrada). Esse desmoronamento de terras na estrada da Serra da Boa Vista, como na Serra do Umbu, impossibilitaram a ida à aldeia pelo município de Maquine até agosto de 2024.

Com isso, a possibilidade de acesso seria pela cidade vizinha de Riozinho, mas com um longo percurso, tendo que passar por Osório, Santo Antônio da Patrulha, Rolante para somente depois chegar ao Riozinho. A partir disso, eu me vi obrigado a mudar o objeto de pesquisa no TCC 2 do projeto original para outra aldeia do mesmo município mais acessível ao meu deslocamento – o *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros) – porém, esse não realiza o manejo do *Carijo*, mas o do açaí juçara (*Jejy*).

Além disso, outro fator contribuiu para essa troca. Trata-se do início do meu estágio no Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária – DDPA-RS, em 08 de maio de 2024. Assim, houve uma reavaliação pessoal em função desses acontecimentos e transformações que se deram em maio de 2024: a enchente no RS, o início do estágio DDPA-RS e também a realização de uma oficina com o cirurgião dentista Eduardo Cardoso da Porciuncula.

Vamos a alguns detalhes dessa atividade de extensão.

Uma segunda surpresa

A Oficina Sobre Nutrição, Antropologia e Odontologia realizada na *Tekoah Guyra Nhendu*, em parceria com o cirurgião dentista Eduardo Cardoso da Porciuncula, aconteceu em 24 de maio de 2024. Trata-se de uma ação do projeto de extensão Reflexão e Métodos de Recuperação dos Saberes Ameríndios, vinculado ao Núcleo de Etnologia Ameríndia – NETA, coordenado pelo Prof. Rogério Reus Gonçalves da Rosa.

A proposta inicial foi uma troca de saberes sobre alimentação, nutrição e saúde bucal junto aos *Mbyá-Guarani* que vivem nesse *Tekoah*. Essa ação de troca de saberes ligados a essa pesquisa ação fortaleceu nossos vínculos de amizade com as pessoas da aldeia e a trocas de saberes. O dia estava nublado e choviscando, mas isso não foi empecilho para o desenvolvimento da ação. A

atividade começou por volta das 14 horas e foi até às 16:30min., com apresentação de slides sobre o tema da alimentação, nutrição e saúde bucal.

Durante a oficina constatou-se que o Bem Viver dos *Mbyá-Guarani* partilha da mesma essência de muitos povos indígenas que é vinculação à mata. Enfim, a floresta preservada traz saúde aos dentes.

Uma das informações compartilhadas foi a de que o açúcar natural para os *Mbyá* é o mel (*eî*) e as frutas nativas. Como a Cacica Julia Gimenes falou, antigamente não tinha algumas doenças que hoje tem, como a cárie, e isso se deve a alimentação do *juruá kuery* (sociedade envolvente) que influencia as comunidades, sendo assim, a alimentação tradicional indígena deve ser preservada e resgatada para o fortalecimento da saúde das pessoas nas aldeias.

Segundo Ailton Krenak:

A origem do Bem Viver tem uma importância tão grande, pois ela chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, que temos uma língua, que é o Português, mediada por uma outra língua, que é o Espanhol ou Castelhana, fazendo referência a uma prática ancestral dos povos que viviam nessa cordilheira dos Andes. Eles são os nossos parentes Quechua, Aymara, uma constelação de povos que viveram séculos nessa cordilheira e que tinham, em comum, uma cosmovisão, em que essa cordilheira viva, cheia de montanhas e vulcões, todos aparentados uns dos outros, tem um significativo nome de *Pachamama*, Mãe Terra, coração da Terra. Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é *Sumak Kawsai*. “O *Sumak Kawsai* é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão” (2020, p. 6).

Dessa forma, o projeto de extensão colaborou para que eu realizasse a pesquisa do TCC 2 no *Tekoah Guyra Nhendu*.

Pois, logo após as trocas de ideias com a Cacica Julia Gimenes se fortaleceu a proposta da pesquisa, pois na aldeia há muitas juçaras (*Jejy*) plantadas pelos *Mbyá*, como também manejadas na floresta pelos animas e pela biodiversidade presente nesse nicho ambiental. Essas trocas entre humanos e

não humanos são parte do modo de ser – *nhandereko Mbyá-guarani*. Conforme a intelectual guarani Sandra Benites:

Nessas horas é que os mais velhos contam as histórias da origem do *nhandereko*, narram os mitos sagrados, as narrativas tradicionais. Os conselhos, os conhecimentos são transmitidos na *Opy*, mas é trabalhando, praticando que eles aprendem (2015, p. 20).

A partir desse entendimento, Ailton Krenak também traz o seguinte conhecimento:

Nossos parentes Guarani da mata atlântica, dessa borda de mar que chamam “*nhé ere*”, ou lugar que produz vida, pensam na região como uma paisagem, uma fonte incessante de vida (2022, p. 33).

Em suma, a partir desses acontecimentos – a enchente no RS, o início do estágio no DDPA-RS até a projeto de extensão na aldeia – ocorridos em maio de 2024, levaram a realização do TCC 2 baseado no *Jejy*, uma espécie de açai comumente também chamado de Açai Juçara, com isso, transferindo o universo de pesquisa para o *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros).

Essa nova perspectiva inspirou-me a ver a importância de ler e pesquisar nos trabalhos acadêmicos as narrativas e os saberes originários e ancestrais ligados ao bem viver. Dessa forma é possível perceber a importância que o *Jejy* tem para o povo *Mbyá-guarani*, assim como para todos os seres da mata e todo o ecossistema.

A etnologia *Mbyá-Guarani* é estudada no desenvolvimento do Capítulo 1, intitulado “A Etnologia Mbyá-Guarani”, apresentamos os pressupostos da etnologia que contempla a sabedoria (*Arandu*) *Mbyá-Guarani*. Trata-se de um estudo macro dos povos indígenas com autores e autoras, tanto indígenas quanto não indígenas, na qual a referência bibliográfica é fortalecida por ambos no saber científico antropológico.

Por conseguinte, no Capítulo 2, intitulado “Os Mbyá do *Tekoah Guyra Nhendu*”, abordamos a aldeia localizada no Vale de Maquine, chamada *Tekoah Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros), onde realizei a pesquisa com essa comunidade, estabelecendo uma troca de saberes com os interlocutores e as interlocutoras, como, por exemplo, a Cacica Julia Gimenes. Os Mbyá revelaram

seus conhecimentos sobre a história da aldeia, além de sua relação com o feito do açaí Juçara (*Jeiy*).

Por fim, no Capítulo 3, intitulado “Projeto do DDPA Sobre A Juçara”, discorri sobre minha experiência através da realização de estágio no DDPA (Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária), no mesmo período do TCC 2, na qual as vivências e etnografias na aldeia foram concomitantes com os dias de trabalho na instituição – baseadas, muitas vezes, no manejo agroflorestal de bananeira e do Açaí Juçara. Na prática, a nível macro, muitos povos originários, como os *Mbyá-Guarani*, partilham de princípios semelhantes do saberes ancestral indígena. Com isso, a pesquisa científica realizada pelo DDPA nos últimos anos baseou-se nos conceitos de agroflorestal e de agroecologia.

Enfim, dessa maneira, o Trabalho de Conclusão de Curso se fez!

CAPÍTULO 1

A ETNOLOGIA MBYÁ-GUARANI

Os *Mbyá-Guarani*, vinculado ao tronco linguístico *tupi-guarani*, trata-se de um povo indígena que habita no Brasil desde os Estados de Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul, além do Paraguai, Argentina como também o Uruguai. Segundo o censo do IBGE de 2020, somente no Brasil são 8.026 pessoas, sem contar com muitas outras que vivem nos demais países da América Latina.

Nos processos coloniais, o povo *Mbyá* foi chamado pelos colonizadores inicialmente de “carijó” ou “gentis da ilha”. Ilha essa, na época, a atual cidade de Florianópolis, pois essas pessoas receberam pacificamente os europeus:

Os Guarani, que historicamente eram denominados Carijó, habitavam a costa atlântica, desde a Barra da Cananéia até o Rio Grande do Sul (onde era o grupo mais numeroso), a partir daí até os rios Paraná e Paraguai. No litoral sul e sudeste brasileiro encontra-se atualmente uma grande concentração de Mbya e de Chiripa, habitando o território onde viveram seus ancestrais Carijó, até seu desaparecimento no século XVII. Estes lugares são importantes pontos de referência histórica e mitológica, uma vez que eles ainda conservam seus “nomes Guarani”, topônimos que se referem à cosmologia e à descrição geográfica destes locais (Moreira, Marco, 2015, p. 9).

Porém, seu território foi sendo reduzido ao longo do tempo por causa da colonização. Ao mesmo tempo, desde a época das missões jesuíticas, houveram muitos embates tanto com portugueses quanto espanhóis, por exemplo, batalhas como a de *M'bororé*, em 1641 (Chiogna & Moura, 2011, p. 74), na qual o povo *Mbyá* venceu heroicamente os bandeirantes. Assim como as missões jesuíticas, outro marco histórico que compõe o seu *tape* (caminho) dessas pessoas em seu território originário é o legado de Sepé Tiaraju, uma liderança histórica *Mbyá* e jesuíta. Nas palavras do historiador Rafael Burd:

Ele atuou como um líder rebelde, mas, sobretudo, como um mediador entre os europeus e os indígenas, seguindo o papel que as elites tinham dentro do espaço guarani-missioneiro (2012, p. 82).

A partir dos estudos etnológicos, os Guaraní têm as seguintes divindades: *Nhanderu/Nhandecy*; *Nhãmandú Ru Eté/Nhãmandú Chy Eté*; *Karai Ru Eté/Karai Chy Eté*; *Tupã Ru Eté/Tupã Chy Eté*; e *Jakaira Ru Eté/Jakaira Chy Eté*; (Tempass, 2012, p. 139, 147).

Sendo assim, *Nhanderu* (traduzido como pai eterno, grande espírito, criador) manifesta-se em toda a natureza ou meio natural na qual a *jejy* (palmeira juçara) se manifesta com seu *i'ja* (espírito dono), assim como todos os seres de criação divina, por exemplo, a erva-mate, o tabaco, o milho. Conforme Ailton Krenak explicita sobre a cosmovisão indígena em seu trabalho:

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista (2020, p. 49).

A organização social interna *Mbyá-guarani* – compreendendo desde sua economia, agricultura e artesanatos – é traduzida pelas próprias pessoas pertencentes ao povo, no dia a dia, como *nhandereko*. Segundo Kuaray Daniel Timoteo:

O *Nhandereko*, o nosso modo de viver, é feito através de várias alianças, costumes e rituais necessários para se viver bem ao longo da vida, para se viver bem em grupo e ter uma longa relação com a natureza e o território em que vivemos (2020, p. 23).

Nessa perspectiva, enquanto um estudante do Bacharelado em Antropologia, vinculado à área da etnologia indígena, baseado na produção bibliográfica produzida por intelectuais indígenas que acessei no projeto de ensino Intelectuais e Epistemologias Ameríndias, e no trabalho etnográfico que realizei, concluo que os saberes que acessei sobre a *Jejy* (palmeira juçara) estão inclusos no *nhandereko*.

Outra categoria importante para os *Mbyá* é *tekoah*. Comumente, *tekoah* é traduzido como “aldeias e territórios indígenas”. Porém, Kuaray traz uma definição mais sofisticada: “O *tekoa* é a vida em conjunto, seja nas relações sociais internas, seja nas relações com a mata, as divindades e o seres da mata” (2020, p. 23). Essa compreensão é importante para os estudos de etnologia

Mbyá-guarani, pois fortalece a percepção territorial aonde está manifestada a cultura.

Considerando isso, segundo a interlocutora Cacica Julia Gimenes, bem como de pessoas que formam o *Tekoah Guyra Nhendu*, as atividades que correspondem ao manejo do *jejy* (açaí juçara) e seus processos de feitiço fazem parte do *nhandereko*. A partir disso, cada árvore e planta tem a sua função, como o *Jejy*, que fortalece a alimentação e a subsistência nos *tekoah*.

Como uma palmeira que gera alimento, e como um componente da mata nativa, o *Jejy* é uma comida típica da cultura indígena. Conforme Floriano da Silva: “As comidas típicas dos *Mbyá-Guarani* são provenientes da agricultura, da pesca, da caça, da criação dos animais e da coleta de frutas nativas, desde tempos remotos” (2020, p. 17).

A cacica Júlia Gimenes também enfatizou na pesquisa etnográfica, realizada em junho de 2024, que especificamente o *jejy* não tem uma história ou narrativa mítica como a *ka'á* (erva-mate), por exemplo. Desse modo, as falas dos *Mbyá* abordam mais a sua praticidade de coleta e manejo dos frutos, como também a relação com seu *i'já* (espírito dono). A conexão dos *Mbyá* com essa palmeira está implicada por uma relação de respeito, licença e permissão para manejá-la.

O *Jejy* (juçara) é uma palmeira da floresta da mata atlântica subtropical, que além de sua materialidade tem sua espiritualidade, o seu *i'já* (espírito dono), como um ser vivo da mata que coexiste com o povo, inclusive fortalecendo a sua subsistência.

Imagem 1, 2 e 3 – Palmeira Açaí Juçara (Jeju)





De acordo com a Cacica Julia Gimenes, a coexistência harmônica dentro da cosmovisão *Mbyá* está implicada pelo respeito, o pedir permissão e pedir licença aos *í'já* (espírito dono) durante a coleta e o manejo das plantas. Nesse sentido, o *Jejy* (açaí juçara) também tem seu *í'ja*, ele deve ser respeitado assim como todos os seres das matas.

Antropologia da alimentação

Mártin César Tempass é um etnólogo que fortalece a pesquisa nesse tema sobre a alimentação *Mbyá-guarani*, através do seu trabalho “Quanto mais doce melhor”. Segundo esse autor, “não só os *Mbyá-Guarani*, mas todos os seres humanos se constroem a partir de sua alimentação” (2010, p. 169).

Dessa forma, essa construção está ligada, no caso da cultura *Mbyá-guarani*, ao *nhandereko* (modo de viver *Guarani*). O *nhandereko*, segundo a interlocutora Cacica Julia Gimenes, manifesta-se também nas matas, onde, na Mata Atlântica Subtropical, o açaí juçara se faz presente.

Outro aspecto destacado por Tempass é que “o alimento tradicional é sagrado para os *Mbyá-Guarani*” (2010, p. 224). Um dos instrumentos utilizados é o pilão. O pilão, feito de madeiras duras, como da árvore cerejeira, é um elemento ancestral para a alimentação indígena, sendo usado nos dias de hoje para obtenção do suco tanto dos frutos do *jejy* (açaí juçara), como do *pindó* (jerivá).

Para a produção em escala maior para a venda de um produto ecologicamente sustentável, os *Mbyá-Guarani* do *Tekoah Guyra Nhendu* utilizam despulpadoras mecanizadas e, a seguir, o congelamento da polpa do *jejy* através da instalação de congeladores *freezer* em um galpão.

Os *Mbyá* receberam esses equipamentos a partir de um projeto submetido a editais da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura – SEMA pela ONG Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários – AEPIIM.

Por outras palavras, o *Jejy*, considerado uma espécie de açaí da mata atlântica fortalece a autonomia alimentar através do cultivo e do manejo tradicional e, no mesmo sentido, a situação financeira, através da venda de polpa congelada dessa palmeira.

Dessa forma, enfatizo que há energia elétrica no *Tekoah Guyra Nhendu* para sustentar os refrigeradores, através de postes de energia elétrica da CEEE Equatoriana. Além da ONG AEPIM, esses *Mbyá* recebem auxílio de apoiadores em mutirões, como de eventuais doações de cestas básicas e roupas, a partir de diferentes coletivos de pessoas que apoiam a luta indígena e ambiental na região. Segundo Martin Tempass:

Os *Mbyá-Guarani*, ou os seus ancestrais, viviam em fartura antes da chegada dos colonizadores. Aliás, estes logo que chegaram já se preocuparam em “acabar” com a fartura dos indígenas (2010, p. 277).

Com isso, a adaptação aos fatores alimentares do tempo presente, “conectados” à transformação tecnológica dos dias de hoje, no exemplo das polpas congeladas de juçara, armazenadas em refrigeradores no *Tekoah Guyra Nhendu* torna nítido o contato com a sociedade envolvente. Sendo essa compreensão, a tecnologia se alia à sustentabilidade dos *Mbyá-Guarani* através dos feitos do açaí juçara (*Jejy*).

As tecnologias do *juruá* (sociedade envolvente) são de direito um usufruto das comunidades indígenas, como também a sociedade envolvente desfruta dos alimentos (como o milho, a mandioca, o pinhão, entre muitos outros alimentos) e das tecnologias indígenas (pilão). Sendo assim, essa perspectiva se enaltece como um fator de desconstruir pré-conceitos, de que os povos indígenas não podem adaptar tecnologias, visando sua autonomia de subsistência alimentar.

Diga-se de passagem, essa subsistência é ameaçada constantemente pela redução de seus territórios e pela destruição ambiental praticada desde a colonização, com a chegada do *Jurua Kuery* (sociedade envolvente, mundo dos brancos) a mais de 500 anos.

Em suma, o entendimento dos saberes propiciados pela etnologia indígena e pela antropologia da alimentação, a pesquisa realizada pelo Martín Tempass, as narrativas orais dos *Mbyá-Guarani* e a etnografia e pesquisa feita

por mim no *Tekoah Guyra Nhendu* trazem a compreensão que o futuro, amparado pela preservação e pela restauração ambiental é algo que faz parte das culturas originárias desde os seus ancestrais. Por sua vez, a tecnologia trazida pelos *jurua kuery* (sociedade envolvente) é utilizada de forma sustentável por exemplo no *Tekoah Guyra Nhendu*, de acordo com a sua cultura e o seu *nhandereko* (modo se ser *guarani*).

A planta juçara

O açaí juçara (*Euterpe edulis martius*), ou *Jejy* na língua *Mbyá-guarani*, é uma palmeira parente do açaí da Amazônia. A palmeira juçara, o açaí da Mata Atlântica Subtropical, está intrínseco à ancestralidade indígena, como uma planta nativa do território denominado Brasil, ou *pindorama* (terra dos jerivás) para a nomenclatura indígena do litoral brasileiro.

Com isso, segundo a Cacica Julia Gimenes, e seu *Tekoah Guyra Nhendu*, essa planta integrante das matas nativas é muito importante para a subsistência de seu povo indígena. Sendo assim, os autores *Mbyá* Daniel Timóteo e Hyral Moreira exemplificam uma cosmo percepção de agricultura, colheita, coleta e manejo *Mbyá*:

Os Guaraní sempre viveram em suas terras tradicionais, possuíam muitas aldeias e sempre migravam, plantavam e colhiam e, assim, quando uma terra estava sendo cultivada, outras estavam descansando (2018, p. 21).

Além da mobilidade e o sistema de trocas de sementes pelos milhares de *Tekoah* presentes na América Latina, a dispersão das sementes do *Jejy* (açaí juçara) se realiza a partir da agência da ordem não humana, ou seja, da fauna e da flora local. Ou seja, muitos animais da floresta – o gambá, a jacutinga, os esquilos, os tucanos e diversos pássaros – dispersam as sementes ao comer os frutos dessa palmeira.

Leonardo Gouvêa e Jorge Santos mencionam em seu trabalho a respeito dessa interação que envolve indígenas, a palmeira, a mata nativa em si e os animais: “o modo de dispersão primária da palmeira Juçara é feita pelos animais que se alimentam dos frutos nos cachos e a secundária, e pelos animais que se alimentam dos frutos do solo” (2012, p. 2).

Sendo assim, a preservação dessa palmeira e da floresta é muito importante. Conforme explicitam os mesmos autores: “a forte exploração predatória e ilegal do palmito Juçara continua até os dias de hoje, sendo por isso classificada como espécie ameaçada de extinção, segundo a legislação ambiental brasileira” (GOUVEA, SANTOS, 2012, p. 2).

A partir desse entendimento, é nítido para mim como essa relação ancestral que envolve os *Mbyá-Guarani* e o *Jejy* é importante. É importante perceber que esse elemento da flora nativa é um meio de subsistência para o povo indígena, como para os seres da floresta, configurando o ecossistema em uma simbiose.

A revista Pesquisa em Debate contribui para fortalecer essa compreensão, apresentando projeto e pesquisa com *jejy* em uma ação de reflorestamento, realizados no *Tekoah Krucutu*, em São Paulo: “Diante dessa iniciativa, outras aldeias inseridas em áreas devastadas da Mata Atlântica apresentam motivações no sentido de implantar o reflorestamento do palmito juçara” (2005, p. 105).

Como uma “força” (*Bara’ete*) da floresta (*Ka’a’guy*), física e espiritual, conforme a cacica Julia Gimenes menciona em referência a essa palmeira, o *Jejy* é um guardião da mata com seu *i’já* (espírito dono), sendo que cada ser vivo das matas possuiu o seu *i’já*, conforme a cosmovisão mbyá-guarani.

Compartilhando desse entendimento, a Revista Pesquisa em Debate nos revela o seguinte acerca dessa palmeira e projeto de reflorestamento presentes no *Tekoah Krucutu*:

O jejy, palmeira juçara é como um livro. Ela representa um mundo: o da própria natureza – mata atlântica. Mas o jejy não é apenas bonito saboroso. Ele é também um dos guardiões da mata. Com a sua volta, voltarão os bichos da mata, virão outras plantas que resgatam a saúde dos solos e cicatrizam as feridas da mata. Se plantarmos palmito, ele cuida da mata (2005, p. 109). G. Ghizzi, Marília Godoy, Souza, Leandro Regiane.

Sendo assim, em suma, como uma espécie-chave guardiã da Mata Atlântica Subtropical, a pesquisa antropológica sobre o *Jejy* (açaí juçara) nos revela essa reflexão da cosmovisão guarani. Ao se observar uma mata, cada ser vegetal, animal, mineral tem uma devida importância à biodiversidade,

compondo ela, ainda, outro aspecto. Daniel Timóteo e Hyral Moreira destacam o seguinte: “Na mata também estão os animais que fazem parte do território Guarani. Alguns desses animais são sagrados” (2018, p. 23).

Toda essa biodiversidade é um componente intrínseco do modo de vida dos povos indígenas, conforme o povo *Mbyá-Guarani* manifesta através da concepção de *nhandereko* (modo de ser guarani). Foi isso que eu reparei durante a pesquisa etnográfica que realizei no *Tekoah Guyra Nhendu* e nas falas da Cacica Julia Gimenes.

O bioma Mata Atlântica Subtropical

A biodiversidade presente nas matas preservadas da Mata Atlântica Subtropical fortalece o *nhandereko* (modo de ser guarani). Conforme Martín Tempass: “A mata atlântica é um hipermercado para os *Mbyá-Guarani*, é um ótimo ambiente para a realização da coleta” (2010, p. 122).

Tanto a coleta como a horticultura são intrínsecas para a cultura de subsistência dos *Mbyá-Guarani*. Como vimos, a juçara ou *Jejy*, o açaí da mata atlântica, é uma palmeira que com seu *ĩjã* (espírito dono) fortalece a biodiversidade na mata atlântica, na qual o povo *Mbyá* vive em integração nesse bioma, de forma ancestral.

Segundo Ailton Krenak:

Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui, que, no caso da nossa cultura, foram os continuadores de ritos, de práticas, da nossa tradição (2020, p. 28).

A ancestralidade dessa relação que envolve o *Jejy* (juçara) com a mata atlântica e a cultura *Mbyá-guarani*, é traduzido pela cacica Julia Gimenes da seguinte forma: “é junto com a subsistência do povo com a mata atlântica, pois o *Jejy* (açaí juçara) deve ser respeitado com o seu *ĩjã* (espírito dono), pelo *Mbyá-Guarani*, assim como pelo *juruá kuery* (sociedade envolvente)”.

Em complemento, a partir da etnografia que realizei, menciono o destaque que o jovem Júlio, genro da cacica, que também vive no *Tekoah Guyra Nhendu*, a respeito da relação simbiótica de quatis, esquilos, gambás, jacutingas ao se

alimentarem dos frutos da juçara. Inclusive, a ave Jacutinga consta em uma lista de animais sob risco de extinção.

Por sua vez, até quem se encontra no topo da cadeia alimentar como o puma – o grande mamífero felino – é beneficiado de forma indireta pela juçara. Pois ele pode caçar os animais que se alimentam desse fruto, garantindo a sua subsistência em uma cadeia alimentar ampla e complexa. Até mesmo as abelhas se beneficiam das flores presentes nos cachos do fruto do *Jejy*, gerando com isso mel que as próprias comunidades indígenas coletam nas matas. A partir de todos esses aspectos, evidencia-se o elevado nível de importância dessa palmeira para o bioma como um todo que forma a Mata Atlântica Subtropical.

Com isso, Ailton *Krenak* fortalece entendimento similar ao que constatei que o povo *Mbyá-guarani* e o *Tekoah Guyra Nhendu* compartilham conosco: “Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da ida são uma constelação de seres-humanos e não humanos” (2022, p. 101).

Em suma, o *Jejy* (juçara) que gera mudas, sementes e polpa de suco, que se faz presente no bioma da Mata Atlântica Subtropical, é um belo exemplo de *arandu* (sabedoria) e de sustentabilidade que compõe o Bem-Viver e o *nhandereko*, o modo de ser *guarani*. Essa palmeira é uma *bara’ete* (força) que pulsa vida aos *Mbyá-Guarani* do *Tekoah Guyra Nhendu* e aos *jurua kuery* (sociedade envolvente).

CAPÍTULO 2

OS MBYÁ DO *TEKOAH GUYRA NHENDU*

O *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia som dos Pássaros) é uma aldeia que se localiza no vale de Maquine-RS, no fundo bairro Solidão, em uma subida de encosta de montanha. O bioma Mata Atlântica Subtropical se faz presente com mata preservada, sendo que no topo da serra está localizada a reserva da Serra Geral que se emenda com a área do referido *Tekoah*.

A mata no *Tekoah Guyra Nhendu* é preservada com ocorrência natural de *Jejy* (açaí juçara), como também de diversas árvores endêmicas da mata atlântica. O relevo é plano previamente em algumas partes, mas em si é inclinado por corresponder a uma encosta.

O *Tekoah* está situado em uma cadeia de montanhas que estão “viradas” para dentro do vale de maquine, sendo que do outro lado dessas montanhas a cerca de 17 km encontrasse o Oceano Atlântico. Considerando esses aspectos, Daniel Timóteo e Hyral Moreira exemplificam essa relação territorial do *yvyrupa* (mundo) *mbýá*:

As terras tradicionais sempre ficavam perto do litoral, a beira mar, ou ficavam perto dos rios, pois a água para o Guarani é sinônimo de saúde e energia e ajuda no fortalecimento do corpo e do espírito (2018, p. 21).

O caminho para o *Tekoah* é de cerca de 10 km da estrada asfaltada mais próxima, sendo o trajeto afetado recorrentemente pelas enchentes advindas com as mudanças climáticas, tornando-o assim isolado até baixarem as águas.

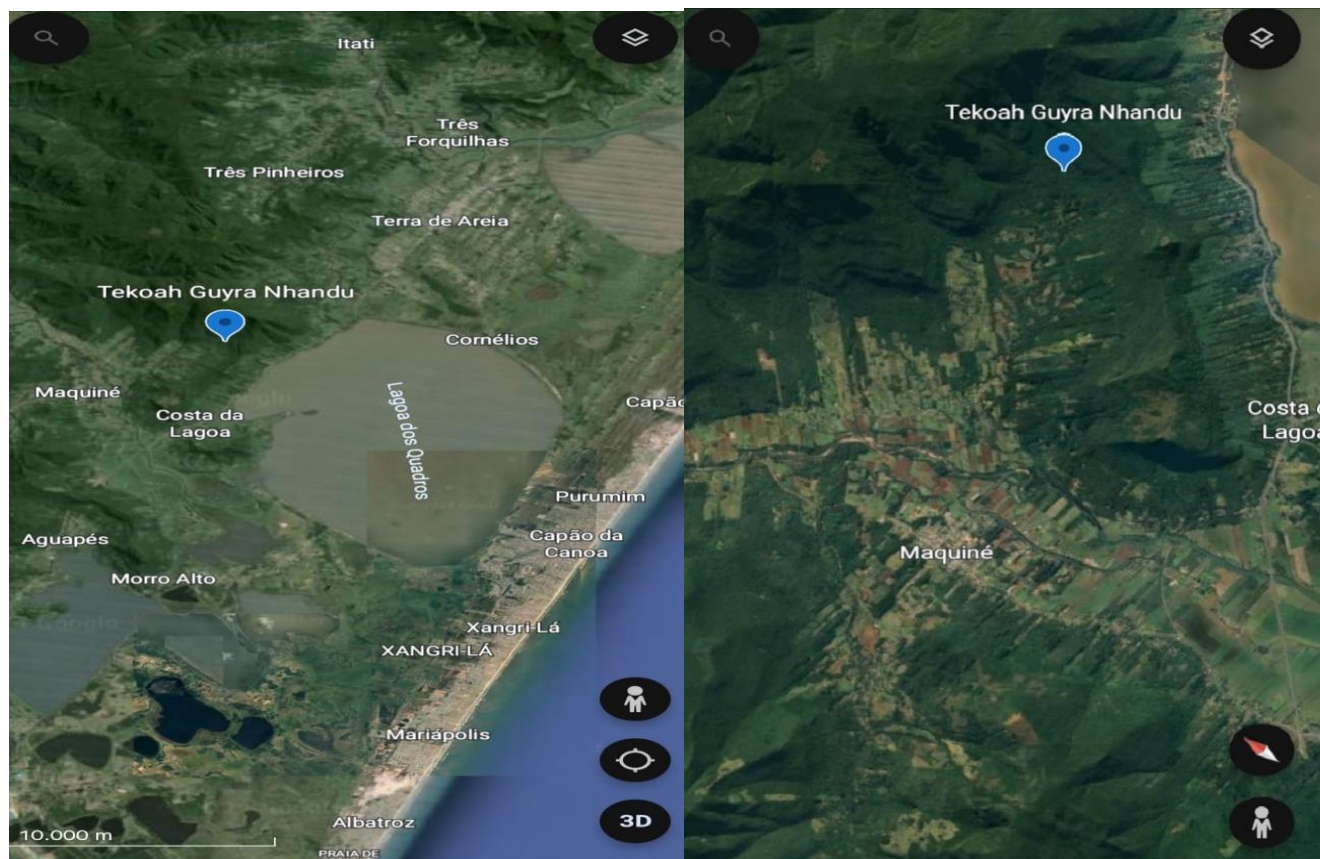
O *Tekoah Guyra Nhendu* tem uma população de 20 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e anciões *Mbyá*. A comunidade faz divisa com o espaço Junana. O território Junana, cujo se dá pela junção das palavras juçara e banana, frutas essas abundantes na região, é um espaço comunitário formado por residentes fixos. A vida dessas pessoas é marcada pela agroecologia.

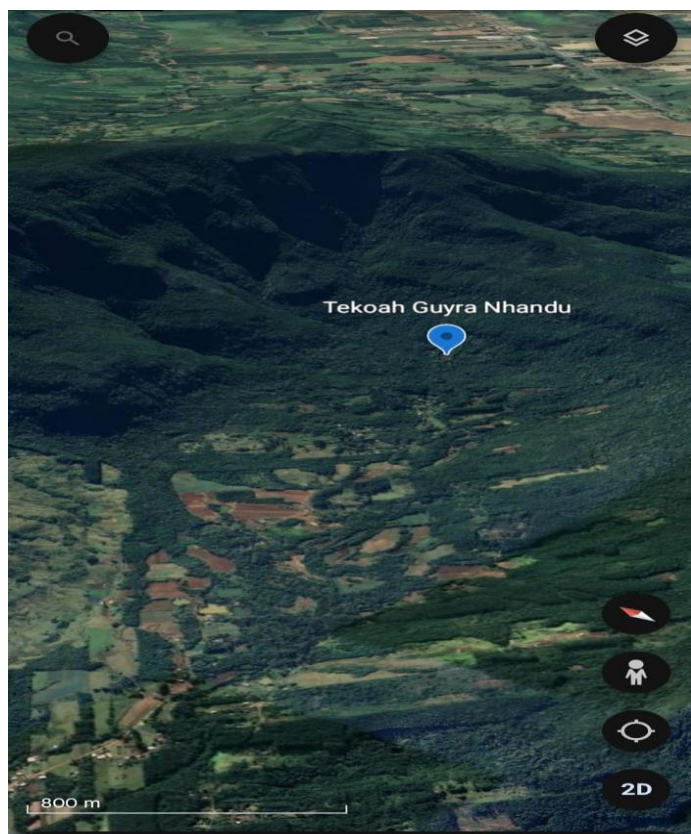
A relação dos *Mbyá* com os integrantes do projeto Junana evidencia o fortalecimento das redes coletivas que compartilham o Bem Viver, preservando a natureza e o ecossistema. A origem do *Tekoah Guyra Nhendu* no presente espaço é de 2017. Mas, a aldeia já existia enquanto coletivo desde antes de

2011. Segundo a Cacica Julia Gimenes, o *Tekoah* teve que sair do espaço anterior, esse também situado no bairro Solidão de Maquiné, pela razão do antigo “dono” ter vendido a terra. Isto é, a ocupação por essa família guarani se dava através de um “empréstimo” da terra (Biehl, Benites, 2017, p. 19).

Assim, surgiu a possibilidade de ir para o presente espaço, que é uma terra coletiva, aonde os moradores desse território, chamado Junana, compartilharam com a aldeia, em uma ação solidária para fortalecer a causa indígena e ambiental.

Segundo informações de pessoas ligadas ao território Junana, o espaço total é de 56 hectares, sendo 40 hectares destinados ao *Tekoah Guyra Nhendu* e 16 hectares para uso do território Junana. Evidencia-se, assim, o Bem Viver nesse compartilhamento do território. As imagens a seguir ilustram a localização do *Tekoah*:





O cultivo da juçara (*Jejy*)

O *Jejy* (açaí Juçara) é cultivado ou coletado na mata pelas comunidades indígenas, como a dos *Mbyá-Guarani* no *Tekoah Guyra Nhendu*. Nessa comunidade o cultivo através do plantio das sementes acontece perto das casas, aspecto que facilita a coleta, além das juçaras pegarem mais sol nos espaços abertos, produzindo assim mais frutos.

O intelectual indígena Ronaldo Antônio Barbosa, situa-nos de forma espacial e temporal no *yvyrupá* (mundo), de acordo com a cosmovisão guarani, o *nhandereko* (modo se ser guarani), o *Tekoah*, aonde se manifesta a territorialidade, onde o *Jejy* (açaí juçara) está integrado bio diversamente: “Antigamente, segundo seu Alcindo, os alimentos plantados eram consumidos juntos com a caça, não se passava fome, tinha mata para caçar e terra para plantar, não tinha limite como nos dias atuais” (2015, p. 35).

A Cacica Julia Gimenes relatou-me o mesmo entendimento, compartilhando que os bananais “casam” com as juçaras. Assim como o nome da comunidade vizinha “Junana” (= juçara + banana) evidencia a sua experiência

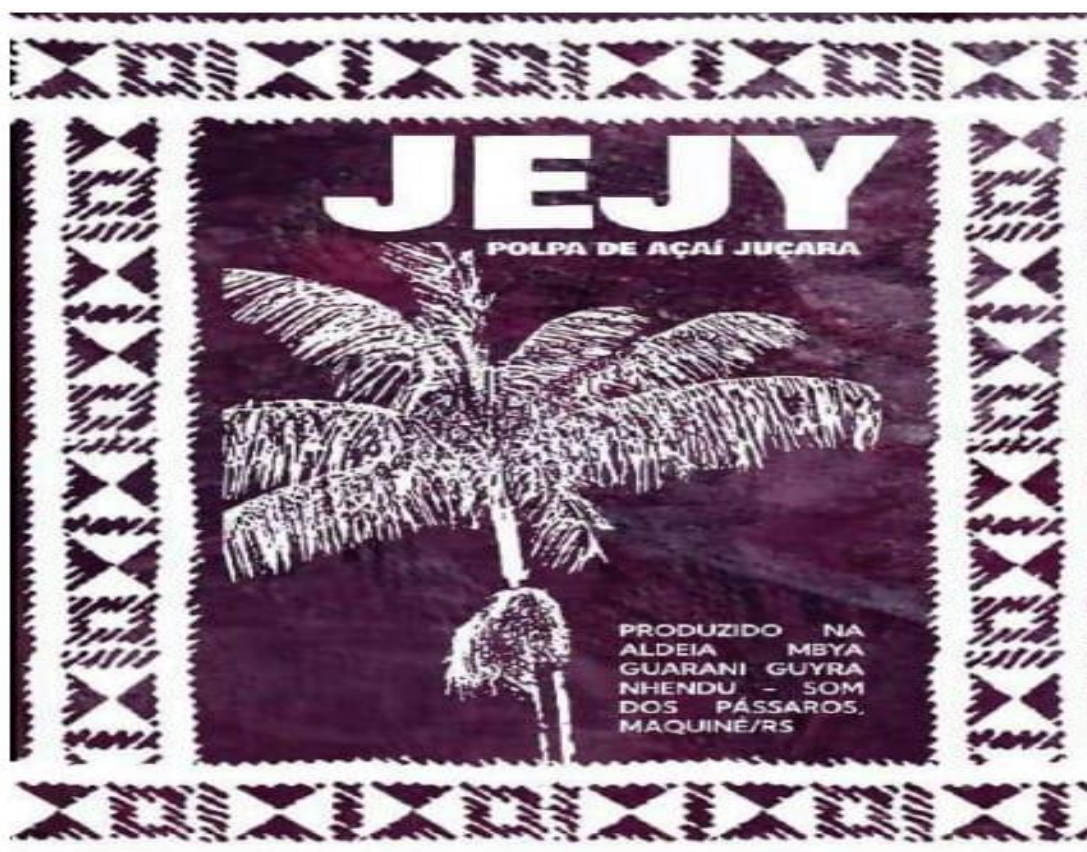
de manejo florestal, fazendo jus de que a Mata Atlântica Subtropical comporta esse casamento de forma a fortalecer ambos plantios e a produção de frutos de acordo com o conceito de agro floresta, que os povos indígenas, como os roçados *Mbyá-guarani* compartilham esse saber na sua experiência de manejo florestal.

Assim como fazem no *Tekoah*, o plantio de bananeiras com *Jejy*, esse saber se fortalece no consórcio dessas duas plantas para maior produção de frutos. Depois que as juçaras crescem além da copa das bananeiras, elas obtêm luz solar e coexistem em mutua abundância com as bananeiras. Conforme Rodrigo Favreto, evidencia no seu trabalho sobre a juçara:

O manejo da juçara é basicamente feito através da manutenção da regeneração natural (a partir da dispersão de bordas florestais ou matrizes no meio do bananal), desbaste, transplante para áreas menos densas, semeadura a lanço ou plantio de mudas (2010, p. 53).

Em suma, há um fortalecimento da subsistência da aldeia, pois há frutos de outubro a março, com a possibilidade de congelamento da polpa da *Jejy* (açaí juçara) em refrigeradores, podendo prolongar-se o consumo por mais meses. Considerando os diversos alimentos que os *Mbyá* consomem no dia a dia, como pães ou arroz, os produtos da juçara são sem agrotóxicos, totalmente naturais com o *bare'ete* (força) da floresta (*ka'a'guy*).

Os produtos da juçara



O Tekoah Guyra Nhendu (Aldeia Som dos Pássaros) produz a polpa da juçara congelada, que assim, fortalece a renda da aldeia. O produto é vendido em feiras municipais em Osório, Maquine e Capão da Canoa, entre outras cidades, e armazenado na aldeia em congeladores. Há pessoas que se dirigem até o Tekoah para adquirir esse produto. As polpas da juçara (Jejy) são orgânicas, tendo nela o *bara'ete* (força) da mata atlântica, sendo os frutos extraídos de acordo com os protocolos culturais *Mbyá-guarani*.

Em relação ao uso interno, a Cacica Julia Gimenes compartilhou que na tradição *Mbyá-guarani* se consome a juçara (Jejy) nos pães, com arroz, farinha de trigo, enfim outras formas além da polpa. Antigamente o seu preparo era realizado com o pilão (*anguá* na linguagem *Mbyá*), para extrair o suco, assim como o jerivá ou *pindó*, que se assemelha nesse processo ancestral de extração. Mas segundo a referida interlocutora, o suco do jerivá é mais grosso, não sendo utilizado para polpa. Já o da juçara já dá para fazer a polpa por ser ele mais fino em comparação ao suco do jerivá (*pindó*).

Com relação a sua produção, é necessário de água morna para quente para despolpar a juçara (*Jejy*), depois de lavar os frutos que foram retirados manualmente do cacho através de lona. Com isso, para efetivar o processo de feitio, a aldeia é amparada por uma despolpadora e um galpão que foram construídos com apoio da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura – SEMA e da Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários – AEPIM.

Assim, o processo de feitio amparado pelas ferramentas de despolpe, galpão e ferramentas fortalece a autonomia da aldeia em produzir suas próprias polpas, efetivando a produção de uma renda junto a venda de artesanatos no *Tekoah*.

A coleta dos frutos da juçara é feita pelos jovens da comunidade, que sobem nas palmeiras com movimentos envolvendo os pés e o tronco, técnica essa passada de geração a geração. Isto é, se põe os pés na palmeira, e se dá início através da firmeza dos pés contra o tronco, subindo em pequenos pulos, garantindo aderência até o topo.

Chegando ao topo, com uma faca se corta os cachos e se desce com eles abraçados até o chão, “escorrendo” com os pés no tronco liso da palmeira juçara (*Jejy*). Pode-se também usar uma cinta de couro apoiada nos pés, chamada de “peconha”, para auxiliar no processo de subir e descer no *Jejy*, na qual se usa nos pés para ajudar apoiar as pernas no tronco da palmeira, com o mesmo processo de ir pulando e se firmando com os pés no tronco da palmeira. Como uma atividade física e técnica de alto nível, esforço e habilidade demonstrada pelos jovens da comunidade na coleta dos frutos da juçara (*Jejy*).

Sendo uma atividade coletiva, na qual toda a comunidade participa, cada um faz uma parte no processo. A coleta e o feitio das polpas da juçara fortalecem também o “*nhandereko*”, gerando autonomia à aldeia. Assim, dentro do próprio território, os *Mbyá* obtêm um meio de subsistência natural muito importante, inclusive, para a saúde do povo, conforme explica a cacica Julia Gimenes, que só há pontos positivos nesse feitio da juçara (*Jejy*) e quando se tem disponível no *tekoah*, se consome praticamente todos dias, de diversas formas, os seus frutos.

Diferente do fruto, o palmito da juçara (*Jejy*) não é uma fonte de produção no *Tekoah* porque nesse caso a palmeira precisa ser cortada, sendo mais viável a sua preservação para continuar a coleta ano após ano. O palmito é consumido somente quando em algum caso excepcional for necessário cortar a árvore, nesse caso se aproveita para consumir o palmito como decorrência do corte da juçara (*Jejy*).

O espírito “dono” da juçara

O estudo sobre os *i'já* (espírito “dono”) foi contemplado por Martín Tempass em sua tese de doutorado (2010), na qual ele se referiu ao espírito dono como “já”.

Em minha pesquisa, referente ao respectivo Trabalho de Conclusão de Curso, o interlocutor e amigo (*xeirun*) Lucas Fernandes da *Tekoah Ka'aguy Porã* (Aldeia Mata Sagrada), disse-me que, para ele, baseado na cultura *Mbyá* e na língua, o certo é *i'já*, pois somente a palavra *já* significaria andando, andar, seria, portanto, diferente o sentido. A partir disso, nessa pesquisa antropológica trabalharei com a definição de *i'já*.

Segundo a Cacica Julia Gimenes, na cosmovisão e percepção *Mbyá-guarani*, cada ser da natureza tem espírito ou um *i'já* (espírito dono) que deve ser respeitado. Sendo que cada um tem seus protocolos de relação, de acordo com os procedimentos culturais internos.

Com isso, os autores *Mbyá* Daniel Timóteo e Hyral Moreira mencionam a cosmovisão e a oralidade em seu trabalho:

A partir de todo esse conhecimento da cosmovisão Guarani, repassada através da oralidade e também do ensinamento e da aprendizagem, da observação do tempo, do clima e do território, o povo Guarani consegue mudar, plantar e modificar o ambiente de forma harmônica (2018, p. 19).

Para Martín Tempass, a partir de seu trabalho, “os *já* indicarão [aos *Mbyá*] a localização das plantas e da caça, autorizando o recolhimento” (2020, p. 338). Sendo assim, Martín Tempass traz o seguinte entendimento em complemento: “Na caça, na pesca e na coleta as técnicas adotadas pelos *Mbyá-Guarani*

também privam pelo máximo respeito aos seres por trás dos alimentos” (2010 p. 361).

Fortalecendo essa compreensão, de acordo com os intelectuais guarani Geraldo Moreira e Wanderley Moreira, é enfatizada a nitidez dessa relação ser-humano e natureza, além de qualquer separação entre esses elementos: “o conhecimento e a sabedoria se dá através da Natureza. Através da natureza se dá a oportunidade de ter o conhecimento e receber *Instrução Espiritual*” (2015, p. 19).

O entendimento da vivência indígena, com suas “raízes” ancestrais do saber, passados de geração a geração, é algo que é transmitido pela oralidade de forma a enfatizar a importância de cada ser das matas. O *Jejy*, ou açai juçara, é uma palmeira que também possui seu *ijá*, seu espírito dono, de acordo com a Cacica Júlia Gimenes. Sendo que, ao coletar os seus frutos, deve-se sempre pedir licença a seu *ijá*, para assim não desrespeitar o seu espírito dono.

Sendo assim, essa coexistência harmônica, se não estabelecida nas suas instruções de pedir licença e permissão, pode gerar o seguinte à pessoa que coletou os frutos: dor de cabeça ou dor de dente. Segundo minha interlocutora, pode não resultar em nada sério no caso do *ijá* do *Jejy*.

Com isso, denota-se que os *ijá* de outras árvores ou seres das matas, podem gerar outras consequências, na colheita feita sem o devido respeito, de acordo com os protocolos indígenas, como nesse caso, os *Mbyá-guarani*. Martín Tempass respalda essa compreensão sobre os protocolos internos culturais: “Os mbyá-Guarani não costumam falar sobre o seu sistema xamanico cosmológico com indivíduos que não pertencem ao seu grupo – ou o fazem de forma muito ponderada” (2010, p. 122).

Essas advertências geradas pelos *ijá* (espírito dono) são como um lembrete do mesmo, para sempre efetuar a permissão e para pedir licença antes da atividade de coleta, enfatizando assim essa coexistência harmônica com os espíritos dono e o meio natural, aspecto que faz parte da cultura de muitos povos indígenas, como do *nhandereko Mbyá-guarani*.

CAPÍTULO 3

PROJETO DO DDPA SOBRE A JUÇARA

O Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária – DDPA é um instituto de pesquisa científica, vinculado ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, relacionado à diversas pesquisas com plantas, e com foco nos últimos anos na ênfase adaptativa da goiabeira serrana e feijão. Entre 2003 e 2020 realizou trabalhos com a juçara através de projetos de pesquisas científicas em campo, além de pesquisas de juçaras consorciadas com bananeiras, enfatizando a maior produtividade agroflorestal. Com isso, de acordo com as pesquisas realizadas pelo DDPA, ficou evidenciado através de métodos científicos institucionais de pesquisa que a juçara com banana é um bom consórcio.

Sendo assim, alinhando os entendimentos da pesquisa antropológica do respectivo Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A *Jejy* (Açaí Juçara) na Ciência *Mbyá-Guarani*”, com a pesquisa realizada pelo DDPA, fica evidenciado que na *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros) a potencialidade desse consórcio, isso através do relato dos moradores da aldeia, como da Cacica Julia Gimenes. Enfim, esse *Tekoah* também está fazendo esse consorcio de juçaras plantadas junto a bananeiras, uma linha juçara, outra bananeira.

A origem do projeto

A origem do projeto se fez pela pesquisa científica, da respectiva instituição DDPA, foi feita na escolha de melhores cultivos adaptativos, sendo de sementes como de desenvolvimento acompanhado de plantas como frutíferas, feijão dentre outras.

A instituição era conhecida como FEPAGRO, mas mudou seu nome recentemente para DDPA (Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária).

Com isso se evidenciou, como mencionado anteriormente, que especificamente na pesquisa do DDPA sobre o açaí juçara, através de métodos científicos de pesquisa, que o açaí juçara é uma palmeira nativa adaptada para o clima do vale, planícies, encostas de montanha até praticamente o topo da serra, território como da reserva da Serra Geral, onde se situa o atual município de Maquine- e *Tekoah Guyra Nhendu*.

Sendo assim, em entendimento com a pesquisa antropológica do respectivo TCC no *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia Som dos Pássaros), constata-se igualmente o seguinte entrecruzamento: o povo *Mbyá-guarani*, com sua cultura e vivência ancestral, compartilha também do mesmo saber.

Sendo esse saber, através de sua própria experiência originária nesse vale de Maquine, na qual o açaí juçara (*Jejy*) é uma espécie muito importante para as florestas da Mata Atlântica Subtropical em geral, como para sua cultura ancestral, de acordo com a etnografia na aldeia, baseado nos depoimentos dos interlocutores cacica Julia Gimenes e Júlio, esse genro da cacica.

Patente e comercialização da juçara

Em relação as patentes e a comercialização do açaí juçara (*Jejy*), por parte da tradição e da cultura *Mbyá-guarani*, de acordo com sua ancestralidade nesse território, a patente é a “natureza”, as matas, da qual pertence o *Jejy*. Com isso, mais de 500 anos depois da chegada dos europeus nesse território, há agora com todo o capitalismo essas categorias de “patentes” e comercialização advindas do mundo do *jurua kuery* (mundo dos brancos, sociedade envolvente).

Rodrigo Favreto, orientador de meu estágio no DDPA, mencionou que em relação à comercialização, o açaí juçara (*Jejy*) “pegou carona” no mercado do açaí amazônico. Assim, a partir de 2004, na região do vale de Maquine, teve início com a Ong Anama, com a UFRGS e com o DDPA. Na época foram realizadas uma série de oficinas de atividades de sensibilização à comunidade, que teve a proposta de apresentar o potencial para a colheita do fruto, ao invés do corte da palmeira (que levava a morte da árvore) para a produção apenas do palmito, como uma alternativa economia e ecológica sustentável.

Com isso, para fechar a discussão sobre patentes, foi compartilhado pelo orientador do estágio, que o açaí juçara (*Jejy*) não tem patente, existe a normatização pelo uso do fruto, ou seja, a “rede juçara”, rede que atuou no fortalecimento de sua preservação e depois com diversas frutíferas nativas, tendo obtido esse “selo” aproximadamente em 2010.

Também foi explicitado que para a juçara (*Jejy*) existe uma referência, através de uma normativa do Ministério da Agricultura para produção da sua polpa. Pode-se afirmar que, o entrecruzamento com a pesquisa na aldeia, que para produção da polpa, na pesquisa específica no *Tekoah Guyra Nhendu*, os *Mbyá-Guarani* também seguem para produção das polpas essas normativas, para comercialização sustentável do alimento.

Os caminhos institucionais

O estudo de caráter etnológico sobre o açaí juçara (*Jejy*), um saber ancestral dos povos indígenas – em especial, dos *Mbyá-Guarani* – buscou um diálogo com a pesquisa realizada pelo DDPA, através de meu estágio nessa instituição.

Assim, se exemplifica com nitidez a compreensão de como tanto o *Tekoah Guyra Nhendu* do povo *Mbyá-guarani*, como o DDPA, através de sua pesquisa sobre o açaí juçara e seu consórcio com bananeiras, partilham dessa mesma base de entendimento: a importância particular da palmeira açaí juçara, sendo a mesma uma espécie muito importante para a Mata Atlântica Subtropical.

Tal importância no aspecto social, ambiental e econômico foi ratificada por pesquisas científicas que embasam o entendimento agroecológico e agroflorestal. A etnografia que realizei para fins do respectivo trabalho de conclusão de curso chega a constatação do elevado nível de importância do açaí juçara (*Jejy*) para a cosmo percepção *Mbyá-Guarani*, nos seus níveis sociais, ambientais e econômicos.

Em suma, o entendimento dessas duas linhas estabelecidas, as vivências e pesquisas etnográficas no *Tekoah Guyra Nhendu* e meu estágio no DDPA, durante a realização do TCC 2, partilham do seguinte: as pesquisas científicas, agroecológicas e agroflorestal partilham de essência semelhante, ao que é

praticado de forma ancestral pelos povos indígenas a muito tempo nos seus roçados, horticulturas, coleta e manejo florestal. A preservação, a restauração e a conservação ambiental são fatores intrínsecos a esse manejo florestal, para o futuro das crianças como para todo ecossistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A IMPORTÂNCIA DOS MBYÁ-GUARANI PARA O CULTIVO E PROJETOS DA JEJY (JUÇARA)

A pesquisa antropológica feita sobre o açaí juçara (*Jejy*) no *Tekoah Guyra Nhendu* (Aldeia som dos pássaros), teve como um de seus resultados um “aprofundamento” do estudo etnológico sobre a cosmo percepção originária. Na qual, tendo como centralidade o açaí juçara (*Jejy*), se constatou junto à comunidade e os interlocutores dessa respectiva pesquisa, de que essa palmeira nativa é muito importante para esse bioma: a Mata Atlântica Subtropical.

Assim sendo, dentro dos objetivos específicos abordados na Introdução, o reconhecimento da sustentabilidade envolvida no feitio da extração da polpa do *Jejy*, envolvida no exemplo da comunidade indígena *Tekoah Guyra Nhendu* foi enfatizado nesse trabalho acadêmico. Com as metodologias antropológicas e o amparo de autores indígenas, como de outros cientistas, como Mártin Césaar Tempass (2010), fortaleceu-se bastante o embasamento teórico para abordar desde a cosmologia até a alimentação *Mbyá*.

A descolonização do pensamento, como um dos objetivos, se consolidou tanto pela parte teórica, como pela parte prática da pesquisa de campo, ida para a aldeia, busca por conhecimento na troca de saberes com interlocutores, vivências e tudo mais que é agregado em uma pesquisa antropológica. A presente pesquisa teve como finalidade, nesta em específica, apoiar de alguma forma a causa indígena e ambiental.

A valorização dos manejos indígenas de alimentos é algo que na sua ancestralidade de feitos tem “raízes” na floresta. Sendo assim, com esses saberes, através da pesquisa “O *Jejy* (Açaí Juçara) na Ciência *Mbyá-Guarani*”, desse respectivo trabalho acadêmico, esperou-se tornar nítido cada vez mais a potencialidade da importância de valorizar os saberes originários.

Com isso, como resultado dessa trajetória investigativa e toda a pesquisa envolvida nesse TCC, obtive enquanto um pesquisador, uma grande experiência de aprendizado com o povo *Mbyá-guarani* do *Tekoah Guyra Nhendu*.

Essas pessoas têm muito a ensinar, assim como os povos indígenas e tradicionais do mundo para a sociedade envolvente urbanizada que se “desconectou”, de certa forma, separando-se do meio natural.

O respeito para com os seres ligados a floresta, como a palmeira *Jejy* (açaí juçara) com seu *i'já* (espírito dono), além dos animais e pássaros que a manejam diretamente e indiretamente, foi um fator etnológico de muito aprendizado, assim como a troca de saberes enfatizada no enriquecimento da sabedoria (*arandu*), que é muito importante para a relação ser-humano e natureza.

A pesquisa etnológica sobre os Guarani, junto à comunidade *Mbyá*, em soma com os autores presentes na bibliografia, compuseram uma compreensão que amplia a minha compreensão dessa cosmo percepção, que agrega cada ser da natureza. Cada ser tem a sua importância e contribuição, formando uma rede em simbiose que compõe uma mata, uma floresta, na qual a centralidade do trabalho sobre o açaí juçara (*jejy*) enfatizou isso.

Buscando fortalecer esse entendimento ambiental e etnológico através da antropologia, da minha vivência pessoal no estágio no DDPA (Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária), até a etnografia da vivência entre os *Mbyá-Guarani*. Sintetizando esse saber acerca da palmeira nativa açaí juçara (*Jejy*), procurei enfatizar como uma planta, uma palmeira nativa, ela se interliga a todo o ecossistema, até mesmo o puma, mamífero predador que habita na reserva ambiental da Serra Geral e o *nhandereko* (modo de ser guarani).

A troca de saberes com a comunidade evidenciou esse entendimento de interconexão, dos elementos de uma floresta, desde os animais, a polinização realizada pelas abelhas e toda a cultura e tradição envolvida do respeito pelos *Mbyá*, ao coletar os frutos e manejo. É assim, algo que na sua ciência, é muito importante para fortalecer o entendimento do respeito aos elementos componentes do meio natural.

Destacando essa relação com o meio natural para a sociedade envolvente ou *jurua kuery* (mundo dos brancos), deveria ser feita em um sentido de maior respeito também desde o simples manejo até em larga escala. Dessa forma é possível transformar essa separação ser humano e natureza em uma maior

integração, que é feita intrinsicamente na sua ancestralidade pelos povos originários do mundo, como o exemplo específico do povo mbyá-guarani e o *Tekoah Guyra Nhendu*.

Em suma, sintetizando o entendimento dessa respectiva pesquisa científica, na qual a palmeira nativa açai juçara (*jejy*), como uma força da floresta (*ka'aguy bara'ete*), conforme a Cacica Julia Gimenes e sua comunidade trazem para nós esse saber. Como também, o saber do açai juçara (*jejy*) como uma espécie-chave de um bioma, a Mata Atlântica Subtropical. Assim sendo, ambas são compreensões, que através da pesquisa antropológica enfatizaram a amplitude de integração, de uma espécie de palmeira nativa tem para todo uma universalidade cultural e ambiental.

Como também, fomentando para a continuidade desse tipo de pesquisa científica, de entrecruzamento de saberes para a busca de uma sintetização através de uma ciência, como a antropológica com suas metodologias. Para assim, através desse entendimento trazer a materialidade à ação da preservação, conservação e restauração ambiental que é presente nos discursos originários como um fator muito importante para todos os seres.

Com isso, as tecnologias trazidas pelo *jurua kuery* (sociedade envolvente), aliando-se com as tecnologias originárias, embasadas na sustentabilidade mostram com praticidade: O exemplo de que isso é possível, através do *Tekoah Guyra Nhendu* e seu feitio das polpas do açai juçara (*jejy*).

Em conclusão, o açai juçara (*jejy*) com seu *i'já* (espírito dono), como uma força (*bara'ete*) das matas (*ka'aguy*) vem demonstrando a potencialidade de produzir subsistência, alimentos, comércio sustentável, respeitando o meio ambiente. Esses fatores componentes da vivência indígena são enfatizados através desse respectivo TCC, sendo partilhados na sua sabedoria (*arandu*) como o interlocutor Júlio morador do *Tekoah* falou durante a etnografia “é para todo o planeta o que fazemos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BARBOSA, Ronaldo Antônio. Agricultura Ancestral Guarani. Florianópolis: Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – UFSC/CFH, 2015, p. 58p.
- BURD, Rafael. De alferes a corregedor: a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites na América Meridional - 1752/1761. UFRGS. 2012, p. 82.
- CHIOGNA, Arianne Miron, MOURA, Gabriele Rodrigues de. Avante Guerreiros! As batalhas de Caapaçapaguaçu e M'bororé (1639 e 1641), Revista Historiador Número 04. Ano 04. Dezembro de 2011, p. 74.
- FAVRETO, Rodrigo. Aspectos Etnoecológicos e Ecofisiológicos de *Euterpe Edulis* Mart (Arecaceae). UFRGS, 2010, p. 53.
- GODOY, Marília Gomes Ghizzi, LEANDRO, Regiane Souza. Pesquisa em Debate - Revista eletrônica do Programa Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação, Sobre projeto na aldeia *Krucutu* em São Paulo de reflorestamento com Juçara, 2005, p. 105, 109.
- KRENAK, Ailton. Caminhos para a cultura do Bem Viver, 2020, p. 6.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 29.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhias das Letras, 2020, p. 49.
- KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 33, 101.
- KUARAY, Daniel Timoteo. Moã Ka'aguy Regua - Tekoa Mbiguaçu: As memórias das plantas medicinais, 2020, UFSC, p. 23.
- MARTINS, Daniel Timóteo, MOREIRA, Hyral. Os quatro cantos Sagrados: Cartilha de aprendizagem de saberes tradicionais- Florianópolis: UFSC, 2018. p. 19, 21, 23.
- MOREIRA, Geraldo, MOREIRA, Wanderley Cardoso. Calendário Cosmológico Guarani, os símbolos e as Principais Constelações na visão Guarani, 2015, UFSC, p. 19.
- MOREIRA, Marco. Visão Guarani Sobre O Tekoa: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território. UFSC, 2015, p. 9.
- PILLAR, Valério de Patta (et al.). Campos Sulinos: Conservação e uso Sustentável da biodiversidade. Brasília: MMA, 2009, p. 27.

- PORTO ALEGRE, Leonardo Gouvêa, SANTOS, Jorge Luís dos. Aproveitamento sustentável do Palmito Juçara (*Euterpe edulis martius*). Pelo índio Guaranis do Ribeirão Silveira, Litoral do Estado de São Paulo. Universidade Santa Cecília, UNISANTA, p. 2.
- PRINTES, Rafaela Biehl, BENITES, André. Retomada no Yvy Rupá: Resistência Mbyá Guarani em terras ancestrais no litoral do Rio Grande do Sul. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária GT 3 – Práticas e conflitos nos territórios dos povos indígenas, 2017. p. 19.
- SILVA, Floriano da. Comida Guarani da Aldeia Tekoa Marangatu na Atualidade. UFSC, 2020, p. 17.
- TEMPASS, Martín César. "Quanto mais doce, melhor": um estudo antropológico das práticas alimentares da doce sociedade *Mbyá-Guarani*. UFRGS, 2010, p. 122, 139, 147, 169, 224, 276, 338, 361.